

# Luz desligada e ferramentas indicam ajuda a fugitivos de Mossoró, diz PF

Investigação cita 4 indícios de que dupla recebeu apoio dentro do presídio de segurança máxima

Raquel Lopes

**MOSSORÓ (RN)** Investigação da Polícia Federal aponta que as circunstâncias da fuga dos dois detentos na penitenciária federal de Mossoró, no Rio Grande do Norte, "sugerem fortemente" a possibilidade de ocorrência dos crimes de facilitação de fuga, além de dano qualificado.

De acordo com documento ao qual a Folha teve acesso, a polícia relata ao menos quatro indícios da tese. O primeiro deles se refere às barras de metal usadas para reter a luminária da parede da cela. Foi a partir daí que os dois chegaram ao local da manutenção do presídio, onde estão miquetinas, tubulações e toda a fiação, conhecido como shaft.

Nas celas dos presos e na laje do telhado em cima das celas foram encontrados os objetos de metal provavelmente usados como ferramentas para retirar as luminárias existentes nas celas. Pelo menos um desses metais seria compatível com vergalhões utilizados na reforma em andamento, sugerindo que os instrumentos tenham sido introduzidos na cela. A polícia alega que a ferramenta tenha sido deixada justamente ali para romper as cercas.

Um segundo indício é que, em um momento em que os dois presos conseguiram encontrar ferramentas de corte para romper a cerca do perímetro interno. Em seguida, também romperam a cerca do perímetro externo e fugiram.

Outro indício, na visão da investigação, é o fato de que os dois fugitivos teriam conseguido se dirigir a um tapume na escadaria. Um poste que deveria iluminar toda aquela área estava desligado pelo disjuntor.



Entrada da penitenciária federal de segurança máxima em Mossoró (RN), onde detentos fugiram. Raquel Lopes - 28 Feb 2024 / Folhapress

Nesse ponto, há um quarto indício. Mesmo no breco, os fugitivos foram capazes de encontrar ao menos um alcatraz. A polícia considera provável que a ferramenta tenha sido deixada justamente ali para romper as cercas.

A investigação aponta que as imagens de ação dos fugitivos para retirar a luminária sugerem que tenha sido um trabalho demorado e sincronizado, supostamente percebido mediante revista na cela.

Como a Folha mostrou, a suspeita é que não estejam sendo feitas revistas diárias nas celas ou nos detentos. De acordo com a polícia, até agora não existem registros ou informações que indiquem apoio imediato recebido após a fuga.

Entretanto, a investigação da Polícia Federal afirma que a fiação Commando Vermelho está bancando rede de apoio destinada a ajudar os dois detentos que escaparam da peni-



Cartazes com recompensa a respeito dos fugitivos. Divulgação

enciária federal — é a primeira fuga registrada no sistema prisional federal, desde 2006. Essa rede auxilia os fugitivos a se manterem em áreas rurais com apoio de alimentação, bebidas, transporte e, possivelmente, armas de fogo. Ela teria começado após o contato dos detentos por meio de dois celulares no dia 16 de fevereiro.

Desde o início das buscas,

ao menos seis pessoas já foram presas. Um homem foi preso nesta quinta-feira (29) no Ceará sob suspeita de ajudar os dois presos.

Investigadores disseram que o homem seria um "parceiro forte" dos fugitivos, mas não quiseram especificar qual tipo de ajuda estaria prestando a eles. A polícia suspeita que os dois fugitivos continuem recebendo ajuda do lado

de fora do presídio. Um indício seria o fato de não ter sido registrada nova movimentação deles na região.

Policiais dizem acreditar que os dois fugitivos ainda estejam no Rio Grande do Norte, e as buscas se intensificaram na divisa do estado com o Ceará. A procura pelos detentos completa 17 dias nesta sexta-feira (2º).

Cerca de 600 policiais estão envolvidos nas operações de busca e captura, incluindo integrantes da Força Nacional, Heliópteros e drones são usados nas buscas.

A área de ação envolve cavernas e matas, locais com grande incidência de animais peçonhentos e chuvas frequentes, o que tem desafiado os equipes.

A região de Mossoró conta atualmente com mais de 300 cavernas e grutas mapeadas, que podem abrigar apenas uma pessoa e até serem agitas a ampla exploração.

## CV banca rede de apoio a detentos que fugiram, diz apuração

**MOSSORÓ (RN)** Investigação da Polícia Federal aponta que a fiação criminosa Commando Vermelho está bancando uma rede de apoio destinada a ajudar os dois detentos que escaparam da penitenciária federal de Mossoró, no Rio Grande do Norte, no último dia 14.

Segundo parte da investigação a que a Folha teve acesso, essa rede auxilia os fugitivos a se manterem em áreas rurais. A polícia divulgou cartazes e ofereceu recompensa em dinheiro, de R\$ 15 mil, para informações que possam levar à captura dos presos Rogério da Silva Mendonça, 36, o Marechal, e Deilson Cabral Nascimento, 34, chamado de Tata. Desembo-rambo são ligados à fiação.

De acordo com a apuração, os fugitivos estabeleceram contato com membros do Comando Vermelho e familiares por volta das 21h de 16 de fevereiro, horário em que faziam uma família refém na zona rural de Mossoró e tiveram acesso a aparelhos de celular.

Após essa ocasião é que os fugitivos receberam suporte local de um indivíduo residente em Mossoró. A polícia relata que esse homem resgatou criminosos, conduzindo-os a uma região próxima a Baraúna. Última cidade que faz divisa com o Ceará.

O documento aponta que há fortes indícios de que o homem faça parte do Comando Vermelho, tendo inclusive, registros criminais. Ele foi a primeira pessoa presa no caso, no dia 2. Investigadores informaram que ele teria recebido R\$ 4.000 para fazer o serviço.

Após deixar os presos perto de Baraúna, o suspeito viajou de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, para fazer o serviço.

Após prisão e execução de mandados de busca e apreensão, a polícia constatou que ele não agiu só. O mecânico Ronaldo Fernandes teria o transportado de Mossoró a Baraúna. E ainda teria fornecido alimentação, celular e acesso à internet aos criminosos.

Fernandes teria recebido do CV R\$ 5.000 por meio de um criminoso que possui registros de roubo, receptação e corrupção de menores. Desde o início das buscas, ao menos seis pessoas já foram presas.

## Ministério da Saúde diz que AM é responsável por indígena morto

Vinícius Sassine

**MANAUS** O Ministério da Saúde atribui ao Governo do Amazonas a responsabilidade pela regulação, remoção, internação e definição de acompanhamento da mulher madua kulina transferida para Manaus por complicações na gravidez.

O marido dela, Tadeo Kulina, 33, que a acompanhava, desapareceu da maternidade e foi encontrado morto, com pancadas na cabeça.

O transporte de Tadeo, que deixou sua aldeia na Terra Indígena Kulina do Médio Juruá, na região de Envira (AM), e percorreu 1.200 km em voo até Manaus, a maior capital da Amazônia, foi responsabilidade do governo estadual, segundo o ministério.

Em nota após a publicação da reportagem, o Governo do Amazonas afirmou que a Secretaria Estadual de Saúde é responsável por acompanhamento, atendimento e suporte a pacientes transferidos do interior. Quando paciente e acompanhante são indígenas, o atendimento social deve ser feito pela Casa (Casa de Saúde Indígena).

Sobre as investigações do homicídio de Tadeo, não é possível dar detalhes, pois isso atrapalharia as investigações, segundo a nota da gestão Wilson Lima (União Brasil).

Ao ser incluído no voo como acompanhante da mulher, não cabia acompanhamento de profissional de saúde indígena, diz o Ministério da Saúde.

O transporte de pacientes que estão em hospitais não é realizado pelo DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Médio Rio Solimões e Afluente, mas sim pelo DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Médio Rio Solimões e Afluente, diz a nota. "O transporte foi realizado via TET (tratamento fora do município), da Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, diretamente pelo hospital de referência do município".

O deslocamento aéreo ocorreu por meio do Siste, um sistema do complexo regulador do estado do Amazonas responsável pelo gerenciamento de pacientes. "O acompanhamento de um profissional da equipe multiprofissional de saúde indígena não era possível, visto que o paciente já tinha um acompanhamento médico e seu processo de remoção para Manaus foi realizado via Siste", afirma o Ministério da Saúde.

Segundo a pasta, uma equipe do DSEI foi convocada sobre o desaparecimento do

indígena quase 24 horas depois do ocorrido.

A comunidade dos madhus kulinas está numa área de difícil acesso na Amazônia, já perto do Acre, ao sul do Vale do Javari (AM). É um povo de recente contato, que vive da caça, da pesca e da roça.

Após horas de voo, no dia 7 de fevereiro, Tadeo e a mulher chegaram à Maternidade Ana Braga, na zona leste da cidade.

O parto foi feito, o bebê nasceu, e mãe e criança se recuperaram bem nos dias seguintes. Tadeo, que falava pouco a língua portuguesa, desapareceu do hospital no dia 7. Foi encontrado dias depois, morto na cabeça, no DMI (Instituto Médico Legal). O corpo retornou à terra Kulina do Médio Juruá, num voo de volta.

No mesmo avião, com o cadáver, estava uma mulher e o bebê recém-nascido.

O homicídio do madhu kulina — o boletim de ocorrência

na Polícia Civil do Amazonas registra o episódio como homicídio simples — é um caso com muitas perguntas sobre o que de fato ocorreu, do desaparecimento à morte. Há sinais de desaso e omissão em relação ao casal e mais uma evidência do tratamento dispensado a esses indígenas nos núcleos urbanos.

O MPF (Ministério Público Federal) no Amazonas abriu procedimento preliminar de investigação, na esfera civil, para apurar eventual omissão por parte da área de saúde indígena. As primeiras diligências já foram feitas, com pedidos de informações aos órgãos de saúde que atendem aos indígenas, e também haverá depoimentos.

A região do médio rio Juruá, onde estão os madhus kulinas e onde vivia Tadeo, é atendida pelo DSEI Médio Rio Solimões e Afluente. Em Manaus, há uma Casa para o acolhimento de indígenas

que precisam se deslocar à capital para tratamento médico. A Casa também integra a estrutura do SUS para atendimento em saúde indígena.

Segundo o Ministério da Saúde, uma equipe técnica do DSEI, com atuação na Casa em Manaus, esteve na maternidade por duas vezes para visitar a paciente. A primeira visita ocorreu no dia 2, sem possibilidade de encontrar a paciente, que se recuperava de uma cesariana. A segunda se deu no dia 6, quando foi solicitada uma testemunha para o registro de nascimento.

De acordo com o serviço social da unidade hospitalar, Tadeo Kulina queria sair da maternidade com a esposa e recém-nascida, que se recuperavam, e também estava entendendo visões de pessoas o perseguindo. E, segundo ele, a polícia queria prendê-lo.

Essa versão é refutada por indígenas madhus kulinas que conheciam e conviviam com Tadeo. Eles afirmam que o homem não tinha problemas psicológicos ou psiquiátricos. A mulher de Tadeo também disse, em conversa com o repórter à terra indígena, que não houve alucinações ou algo do tipo no hospital.

O DSEI realizou, por conta própria, buscas pelo indígena. De fato, ocorreu com frequência de saúde, ruas e bairros

da redondeza, mas não obteve êxito. Em seguida, a equipe foi ao 1º Distrito Integrado de Polícia de Manaus para registrar o boletim de ocorrência do desaparecimento de Tadeo Kulina. No dia 9, a equipe do DSEI continuou as buscas, disse o ministério.

Na região do médio Juruá, distante 1.200 km de Manaus, a realidade dos madhus kulinas é de violência e abandono, com multiplicação de relatos de mortes violentas, suicídios e exploração a partir da retenção de cartões de beneficiários sociais nas cidades da região. Esta realidade foi denunciada, em 11 de maio de 2023, ao escritório da ONU para prevenção de genocídio.

Relatórios e fotos registram quadro de destruição infantil, insegurança alimentar, alcoolismo e estupro entre indígenas. Após a Folha mostrar o conteúdo dos relatórios, em reportagem publicada em setembro de 2023, o MPF (Ministério dos Povos Indígenas) anunciou a criação de grupo para traçar o assunto. Meses depois, o governo não agiu e os problemas persistem, diz o MPF.

Na aldeia onde Tadeo vivia, e nas aldeias vizinhas, os indígenas estão consternados e temerosos de buscar Manaus para tratamentos de saúde em casos complexos. Esse é o caso de Tadeo.

Na última noite de Tadeo, não é possível dar detalhes, pois isso atrapalharia as investigações, segundo a nota da gestão Wilson Lima (União Brasil).

Ao ser incluído no voo como acompanhante da mulher, não cabia acompanhamento de profissional de saúde indígena, diz o Ministério da Saúde.

O transporte de pacientes que estão em hospitais não é realizado pelo DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Médio Rio Solimões e Afluente, mas sim pelo DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) Médio Rio Solimões e Afluente, diz a nota. "O transporte foi realizado via TET (tratamento fora do município), da Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, diretamente pelo hospital de referência do município".

O deslocamento aéreo ocorreu por meio do Siste, um sistema do complexo regulador do estado do Amazonas responsável pelo gerenciamento de pacientes. "O acompanhamento de um profissional da equipe multiprofissional de saúde indígena não era possível, visto que o paciente já tinha um acompanhamento médico e seu processo de remoção para Manaus foi realizado via Siste", afirma o Ministério da Saúde.

Segundo a pasta, uma equipe do DSEI foi convocada sobre o desaparecimento do

indígena quase 24 horas depois do ocorrido.

A comunidade dos madhus kulinas está numa área de difícil acesso na Amazônia, já perto do Acre, ao sul do Vale do Javari (AM). É um povo de recente contato, que vive da caça, da pesca e da roça.

Após horas de voo, no dia 7 de fevereiro, Tadeo e a mulher chegaram à Maternidade Ana Braga, na zona leste da cidade.

O parto foi feito, o bebê nasceu, e mãe e criança se recuperaram bem nos dias seguintes. Tadeo, que falava pouco a língua portuguesa, desapareceu do hospital no dia 7. Foi encontrado dias depois, morto na cabeça, no DMI (Instituto Médico Legal). O corpo retornou à terra Kulina do Médio Juruá, num voo de volta.

No mesmo avião, com o cadáver, estava uma mulher e o bebê recém-nascido.

O homicídio do madhu kulina — o boletim de ocorrência

na Polícia Civil do Amazonas registra o episódio como homicídio simples — é um caso com muitas perguntas sobre o que de fato ocorreu, do desaparecimento à morte. Há sinais de desaso e omissão em relação ao casal e mais uma evidência do tratamento dispensado a esses indígenas nos núcleos urbanos.

O MPF (Ministério Público Federal) no Amazonas abriu procedimento preliminar de investigação, na esfera civil, para apurar eventual omissão por parte da área de saúde indígena. As primeiras diligências já foram feitas, com pedidos de informações aos órgãos de saúde que atendem aos indígenas, e também haverá depoimentos.

A região do médio rio Juruá, onde estão os madhus kulinas e onde vivia Tadeo, é atendida pelo DSEI Médio Rio Solimões e Afluente. Em Manaus, há uma Casa para o acolhimento de indígenas

que precisam se deslocar à capital para tratamento médico. A Casa também integra a estrutura do SUS para atendimento em saúde indígena.

Segundo o Ministério da Saúde, uma equipe técnica do DSEI, com atuação na Casa em Manaus, esteve na maternidade por duas vezes para visitar a paciente. A primeira visita ocorreu no dia 2, sem possibilidade de encontrar a paciente, que se recuperava de uma cesariana. A segunda se deu no dia 6, quando foi solicitada uma testemunha para o registro de nascimento.

De acordo com o serviço social da unidade hospitalar, Tadeo Kulina queria sair da maternidade com a esposa e recém-nascida, que se recuperavam, e também estava entendendo visões de pessoas o perseguindo. E, segundo ele, a polícia queria prendê-lo.

Essa versão é refutada por indígenas madhus kulinas que conheciam e conviviam com Tadeo. Eles afirmam que o homem não tinha problemas psicológicos ou psiquiátricos. A mulher de Tadeo também disse, em conversa com o repórter à terra indígena, que não houve alucinações ou algo do tipo no hospital.

O DSEI realizou, por conta própria, buscas pelo indígena. De fato, ocorreu com frequência de saúde, ruas e bairros

da redondeza, mas não obteve êxito. Em seguida, a equipe foi ao 1º Distrito Integrado de Polícia de Manaus para registrar o boletim de ocorrência do desaparecimento de Tadeo Kulina. No dia 9, a equipe do DSEI continuou as buscas, disse o ministério.

Na região do médio Juruá, distante 1.200 km de Manaus, a realidade dos madhus kulinas é de violência e abandono, com multiplicação de relatos de mortes violentas, suicídios e exploração a partir da retenção de cartões de beneficiários sociais nas cidades da região. Esta realidade foi denunciada, em 11 de maio de 2023, ao escritório da ONU para prevenção de genocídio.

Relatórios e fotos registram quadro de destruição infantil, insegurança alimentar, alcoolismo e estupro entre indígenas. Após a Folha mostrar o conteúdo dos relatórios, em reportagem publicada em setembro de 2023, o MPF (Ministério dos Povos Indígenas) anunciou a criação de grupo para traçar o assunto. Meses depois, o governo não agiu e os problemas persistem, diz o MPF.

Na aldeia onde Tadeo vivia, e nas aldeias vizinhas, os indígenas estão consternados e temerosos de buscar Manaus para tratamentos de saúde em casos complexos. Esse é o caso de Tadeo.